



A possibilidade relacional: religião e racionalidade

The relational possibility: religion and rationality

Por Sergio P. Gil de Alcantara

Mestre em Filosofia da Religião (FATEFFIR)
Pós-Graduado em Teologia Comparada (ESAB)

Resumo

Uma difícil tarefa, mas não pouco empolgante, é mencionarmos a possibilidade relacional daquilo que entende que é recebido, no caso, a revelação, e por outro lado, aquilo em que temos uma participação construtora, a racionalidade. Estas participações podem ser incluídas trabalhando em forma holística. No entanto, há de se pensar e considerar o pensamento simbólico, na verdade, nas formas de linguagem e no entendimento do próprio ser existente. Para que possamos testar se existe uma racionalidade na religião e a religião contribui com a racionalidade desta intensa busca. Fenômenos religiosos são atestados e reconhecidos em toda a parte e em todos os instantes. Pensamos em entender o porquê destes, sendo próprio do homem, e este é um ser racional. De fato, é intrigante se atentarmos para pensamentos não reducionistas e não simplistas.

Palavras-chave

Religião. Racionalidade. Revelação. Ciência.

Abstract

A difficult task, but not exciting little mention is the possibility of what relational believes that is received, in case the thing revealed, and on the other hand, what we have a membership Builder, rationality. These holdings can be inclusive working on holistic way. However, one has to think and consider the symbolic thought, in fact, in the forms of language and understanding of existing own being. So we can test whether there is a rationality in religion and religion contributes with the rationality of this intense search. Religious phenomena and certificates are recognized everywhere and at all moments. We understand why these, being human itself, and this is a rational being. In fact, if we look for is intriguing thoughts not reductionists and not simplistic.

Keywords

Religion. Revelation. Rationality. Science.

Introdução

Uma relação coexistente entre a religião e a racionalidade traduz a existência ambígua da revelação e a ciência, ou da fé e razão. Para muitos, estas são totalmente diferenciadas e distintas e por isso, não têm condições de se portarem juntas. Será que isto é uma verdade? E que verdade seria, a revelada ou a científica? Na verdade revelada, transcrita através de esforços transmissivos, como a teologia, formas linguísticas e simbólicas são utilizadas. Seria suficiente para razoabilizar esta questão? Levando-se em conta esta satisfação, por intermédio do símbolo e da linguística, como se dariam suas perspectivas educacionais, e como se daria o progresso pedagógico nesta instância? Talvez os ritos pudessem nos trazer uma resposta

satisfatória quanto o funcionamento e abrangência mitológica na sociedade, tornando assim, algo mais científico e observável, além de proteger e conservar o que atesta ser verdade revelada. Seria este caminho a ser tomado?

A questão simbólica da verdade

Quando tocamos nas formas simbólicas, fatalmente, nos lembramos das teóricas freudianas sobre os símbolos e o quanto estes fazem parte de nossas vidas cotidianas. A fórmula freudiana consiste em determinar que o símbolo seja constituído de simbolizante, e simbolizado.¹ Como,

¹ FREUD, Sigmund. A interpretação dos Sonhos. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1972. v. 5.

por exemplo, a cruz. É um símbolo. Simbolizante de morte, que para os cristãos, simboliza um recomeço uma nova vida, uma extensão de vida.

Para os não-cristãos, simboliza simplesmente o fim. Não obstante, no tocante ao teológico o símbolo oferece influência específica quanto ao que se deve lembrar, e ao que se deve reconhecer diariamente. O símbolo mantém uma unidade para a reflexão em um só caminho. Talvez funcione como um código, uma orientação, um direcionamento. Utilizando o mesmo símbolo anteriormente mencionado de maneira teológica, a cruz oferece a ideia de sacrifício, de morte por outro, por substituição, pela necessidade. O mesmo símbolo significa perdão, renovo e uma nova oportunidade, renascer. O conhecimento científico não possui ferramentas para chegar ao que move esta verdade, mas pode, contudo, observar o fenômeno que ocorre conquanto as mudanças ocorridas, na vida dos homens, a partir destas traduções teológicas.

As controvérsias diante dos símbolos sempre foram e continuam sendo alvo de arraigados debates, conquanto a veracidade dos mesmos. Antes mesmo de descobrirmos esta veracidade é preciso que descubramos o que é verdade. A filósofa Marilena Chauí descreve que a verdade é interpretada como “*aletheia*/competência” (gregos), “*veritas*/correspondência” (latim - romanos), “*emunab*” (hebreus/consenso) e a *pragmática*.² Para tanto, a verdade *aletheia* seria um acordo entre o pensamento e a realidade. As subsequentes, *veritas e emunab* seriam um acordo entre o pensamento e a linguística, ambos em si; sendo que *veritas* correspondente aos fatos que ocorreram e *emunab* ao consenso do que virá. Ambos os conceitos definem a verdade como o consenso ou o acordo para todos. Abastecidos destes conceitos, a consensualidade simbólica, suas correspondências, e seu pragmatismo, ou o uso práticos destes, promovem a educação e o aprendizados de conceitos de vida, de atos e direcionamento de sociedades. A verdade deve libertar, deve conceder o encontro com a essência do objeto estudado, deixando de lado a aparência, pois esta é

² CHAUI, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 2000.

escravizadora. Uma interessante frase de Paulo Freire nos leva à reflexão: “*teologia deveria estar envolvida com a educação libertadora e uma educação libertadora deveria estar envolvida com a teologia*”.³

Com a sua famosa frase, Paulo Freire expressa: “*ninguém educa ninguém, nós nos educamos mediatizados pelo mundo*”.⁴ Verdades consensuais, verificadas e atestadas, que correspondem aos fatos e podemos verificar seus efeitos pragmáticos. Ora, uma sociedade educada gera a libertação da prisão do desconhecimento, da falta de diálogo, e do expressar sentimentos. Importantes e primordiais para a identificação de problemas, deficiências e a descoberta de soluções. Sabemos que a falta de verdade é tornada quando qualidades e propriedades não são cabíveis aos objetos estudados, ou quando negamos os mesmos quando são cabíveis. Sem educação, não poderíamos identificá-los. É relevante o fato de que uma educação “*comungante*” e libertadora das opressões sociais que a própria estrutura humana cria pode criar um ambiente saudável e verdadeiro. A prática desta educação verdadeira é competente, consensual e correspondente às nossas necessidades; portanto, de profunda utilidade.

Do mimetismo e deusificação

É observável, através de fatos, de notícias e até de experiências próprias que a sociedade moderna, em âmbito mundial, sofre com o comportamento de jovens que não sabem como viver diante dos desafios modernos. As deturpações de conceitos, a falta de valorização da vida, os objetivos fúteis, a ideia de valer o quanto tem, e não o quanto é. A preocupação com coisas passageiras e corruptíveis e o desprezo com as coisas incorruptíveis nos mostram que há um erro na educação. Talvez, falem os símbolos. Rene Girard, um importante antropólogo, trabalha com a tese do “*mimetismo*”, ou seja, o homem tem o desejo de tomar o que o outro tem. A complexidade deste sentimento,

³ FREIRE *apud* TORRES, Carlos A. *A escola precisa debater as influências da globalização*. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/geografia/fundamentos/carlos-alberto-torres-467304.shtml>>. Acesso em: 12 ago. 2011.

⁴ FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. p. 79.

segundo Girard, é encontrada em toda a sociedade e em todos os tempos.⁵ É tão forte que a encontramos, inclusive, nos mitos, os quais são reverberações de sentimentos humanos “*deusificados*”. Sem os símbolos, como por exemplo, do perdão não poderíamos solucionar tal problema. Seríamos uma sociedade autodestrutiva, ou nem seríamos mais sociedade. Rene Girard menciona que o que mimetismo desenha o desejo de ser o outro e, quando isto não é possível, ocorre a violência. Esta violência também pode ser observada quando o outro desejado não quer que o que deseja obtenha êxito. A violência aí seria recíproca. Para satisfazer este conflito ocorre a eleição de um “*bode expiatório*”.⁶ Alguém que é sacrificado, alguém que é marginalizado, para pagar esta violência. Os jovens da sociedade moderna estão elegendo “*bodes expiatórios*” para manifestarem sua violência.

O desafio da Educação Religiosa é pleno conquanto procure demonstrar a importância dos ritos, dos símbolos e dos mitos neste processo de aprendizagem e de verdades consensuais contrariando as verdades individuais, destrutivas e aparentes. Um rito interessante seria trazer à memória a ideia de um mito que traz símbolos objetivando um sacrifício de alguém que foi marginalizado, alguém que tentaram imitar de forma negativa, alguém que é violentando, mas este mesmo alguém ressurgiu depois da violenta morte e, está disposto ao perdão. Com isto, este alguém, que é Jesus de Nazareth, não extermina a “*mimesis*”, mas oferece uma solução para a violência, o perdão. Por que não, ensinar isto aos jovens da sociedade moderna?

Entendimento do ser

Pensando na frase de Mário Sergio Cortella: “*Não nascemos prontos*”,⁷ a qual nos remete ao pensamento de que o homem não nasce feito em sua capacidade racional, muito pelo contrário,

estamos sempre mudando, sempre crescendo, sempre aprendendo. Por certo, Heráclito de Éfeso, séc. VI a.C. iria concordar com esta exposição, defendendo que tudo muda.⁸ Tudo o que existe sofre mudanças. Em contra partida, Parmênides, séc. V a.C., afirmando que tudo é, e não existe o não ser, pois se não é, não existe, sendo que, as mudanças são simplesmente ilusões.⁹ O ser continua ser. Neste caso, considero que a verdade não muda. A sua essência não pode mudar, no entanto, nós mudamos e nos adequamos a ela. Estamos sofrendo uma permanente mudança, com permanentes aprendizados, com perspectivas de erros e também de acertos, considerando as diversas formas de expressão e, respeitando as diversas formas mitológicas e de ritos para expressar a verdade. Uma verdade que pode ser observável como fenômeno e uma verdade que simplesmente é sob a forma de “*noumeno*”¹⁰ que é o objeto ou evento postulado que é conhecido sem a ajuda dos sentidos, na Filosofia de Kantiana. Entender isto não é uma tarefa fácil, muito pelo contrário. Imaginemos então ensinar isto...

O grande desafio é crescermos juntos. Usar a “*mimesis*” de forma sadia, encontrando a solução para a violência e o descaso com os oprimidos.¹¹ Uma educação que traz libertação, com símbolos teológicos proponentes da comunhão, do estar juntos, aprendermos juntos, resolver juntos, sentir juntos, viver juntos, parafraseando Paulo Freire. Como pessoas, precisamos aprender muito com tais pensamentos e como educadores precisamos respeitá-los em cada indivíduo lutando para o crescimento de todos. Aprendermos juntos por uma sociedade sadia. Para que se torne habitável o nosso ambiente. A capacidade de nos relacionarmos produz, em alto grau, uma capacidade de nos manter vivos e quiçá em ambientes habitáveis. Parece-nos então, incoerente e na “*contra mão*” a tentativa partidária, passional

⁵ GIRARDI, Rene. *Violência e o Sagrado*. São Paulo: UNESP; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

⁶ GIRARDI, Rene. *Bode expiatório*. São Paulo: Paulus, 2004.

⁷ Pensando na frase de Mário Sergio Cortella: “*Não nascemos prontos*”. CORTELLA, Mario Sergio. “*Não nascemos prontos*”: provocações filosóficas. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 11.

⁸ HERÁCLITO *apud* MONDIN, Battista. *O homem, quem é ele?*: elementos de antropologia filosófica. 13. ed. São Paulo: Paulus, 2008. p. 28.

⁹ PARMÊNIDES *apud* MONDIN, 2008, p. 31.

¹⁰ KANT, Immanuel. *Crítica da faculdade do juízo*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993.

¹¹ AUERBACH, Erich de. *Mimesis*: a representação da realidade na literatura ocidental. São Paulo: Perspectiva, 1994.

ou qualquer retração em “guetos” supostamente religiosos. Em época de pós-modernismo, não é aceitável uma verdade exclusiva e não dialogável. A troca de experiências é eminente. Consequentemente, serão provados os relacionamentos, os dogmas, as estruturas e a capacidade relacional. Interessante é pensarmos que a verdade é por si só, sustentável. Não depende de que a mantenham. A verdade é soberana, é cordata, descreve a realidade, é confiante e se pode praticar. Como poderíamos confirmar isto se não fosse pelo conhecimento, e este, pela capacidade relacional?

A célebre frase agostiniana: “*Intellige ut Credas, Crede ut Intelligas*”, ou seja, “*Compreender para crer e crer para entender*”,¹² expressa o caminhar junto do conhecimento e da fé. É relacional, é inteligível. Mesmo porque, se não fosse assim, não seria fé e sim fideísmo (do latim *fides*, fé. Doutrina religiosa que prega que as verdades metafísicas, morais e religiosas, como a existência de Deus, a justiça divina após a morte e a imortalidade, são inalcançáveis através da razão, portanto só serão compreendidas por intermédio da fé). Se não houver relação, não pode haver troca de conhecimento, portanto o entendimento fica passível de abalos estruturais. Se realmente temos a verdade, esta não pode ficar em poder somente de alguns, pois esta precisa ser divulgada. A verdade não é livre? Ou não seria verdade, o que temos? Teríamos medo de quê? Será que nos decepcionaríamos com o que temos, tendo em vista o conhecimento de outros? A verdade não se esquiva, não corta relações, pois este é um papel da inverdade, ou da mentira.

A fé precisa ser apoiada em conhecimento relacional. “*Se alguém não tem razão para não usar a razão, então essa posição é indefensável. Não há razão para que se aceite o fideísmo*” (Norman Geisler).

A linguagem e o ser

Aristóteles pensa que a ligação entre a linguagem e o Ser é mediata e eminente, havendo entre ambos as imagens, os símbolos (linguagem) e os signos (estados da alma). O Logos não é

imitação do ser, mas símbolo do ser, o qual não manifesta e sim significa. Penso eu que Aristóteles queria expressar que não podemos chegar a uma verdadeira posição sobre o ser, ou atingir as coisas em si. Portanto, fica inatingível entender o BEM e o MAL. Ambos, em si mesmos. Aliás, a dialética transcendental kantiana pressupõe um conhecimento inacabado, ou atrelado às suposições movidas pelo sensitivo.

Em Gênesis, no capítulo 01, versículo 26 “a”, da Bíblia Sagrada, tradução de João Ferreira de Almeida, revista e corrigida, com edição de 1995 se encontra a expressão “*façamos o homem a nossa imagem e semelhança*”. Claro que isto não se refere à aparência, nem tão pouco às formas, mas é entendido, teologicamente, pelos sentimentos e o livre arbítrio, e a capacidade, apenas potencializada, de julgamento, ética e moral. Se fizermos uma analogia entre a visão aristotélica e a visão teológica, encontraremos o homem em contato contemplativo com a IDEIA ou DEUS. Conquanto à obscuridade ou pecado, separamos-nos de uma realidade. Por estas razões são precisos novos esforços para a reunião contemplativa. Isso é no mínimo interessante, não é?

Aristóteles menciona os símbolos submetidos ao estado da alma, por isso, menciona a EUDAIMONIA (felicidade). A perfeita harmonia entre a razão e a contemplação.¹³

Encontrei a seguinte frase aristotélica: “*São dialéticos os argumentos que concluem a partir de premissas prováveis, pela contraditória da tese dada*”.¹⁴

Parece-me que ele deixa bem subjetivo as questões em que julgamos, ou seja, se julgamos o que é MAL ou BEM, são subjetivas. Interessante que em *Fedro*, Platão argumenta que a alma sabe definir estas questões, devido a nossa antiga inserção contemplativa com a IDEIA. A alma, segundo ele, tem lembranças e daí, conseguimos julgar devido a estas. “*Talvez, uma herança da época contemplativa*” (comentário meu).

¹³ ARISTÓTELES *apud* MONDIN, 2008, p. 108.

¹⁴ ARISTÓTELES. Ref. Sof. 165b3. Disponível em: <<http://www.terciosampaioferrazjr.com.br/?q=/publicacoes-cientificas/12>>. Acesso em: 20 ago. 2011.

¹² AGOSTINHO *apud* GILSON, Etienne. *A Filosofia Na Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 1995. p. 144.

Embora eu creia que a fé seja racional, porque volto afirmar, se assim não fosse seria apenas um fundamentalismo ou fideísmo, estou querendo apenas abordar a investigação e não desprezar nada. Esta é uma interessante técnica etnográfica utilizada por Howard Becker, definida como “hipótese nula”.¹⁵ O que percebemos do BEM é apenas algo que chega perto de uma realidade superior, muito mais específica e grandiosa. Ora, se nós só conseguimos chegar perto, é porque somos falhos e nossa capacidade de conhecimento é finita e torta.

Gosto dessa realidade socrática, confirmando o “*sei que nada sei*”,¹⁶ ou seja, quanto mais estudamos, mais entendemos que não conhecemos nada. A sabedoria está limitada em nossa própria ignorância. O sol assim como a razão são ferramentas para encontrarmos uma imagem das coisas belas, mas há algo que cria o sol, ou algo que dá origem ao sol. Um primeiro motor. Talvez, a partir daí o pensamento aristotélico de “*motor imovido*”.¹⁷

Uma interessante forma simbólica para explicar este fato é a afirmação teológica de que o BEM e o MAL estão no controle do próprio Deus, descrito em Isaías 45.7. De sorte que o contexto menciona uma palavra profética, orientadora e esperançosa de um povo que estava sendo cativo e dominado por uma potencia bélica. No entanto, não entrando em méritos de fé, podemos considerar um Ser antes do próprio BEM e do próprio MAL.

Conclusão

O diálogo relacional entre a revelação e a razão é frutífero e eminente para ambas as situações. A utilização dos pensamentos qualifica e se torna parte de uma conjunção que progride na medida em que os preconceitos, não se tornam uma única forma imperativa de conhecimento, mas podem e devem ser parte integrante de um avanço em comum. Levamos em conta os fatores históricos, a linguagem e sua hermenêutica e a análise ideológica só aumentam as chances de chegarmos a uma progressão de uma busca da verdade.

Não tememos a verdade. E até onde pudermos ir, com nossos finitos conhecimentos e, ainda buscando uma relação dialógica, sem estarmos altivos em nossas próprias convicções, apenas, buscamos uma situação verdadeira diante de fatos e diante do que cremos.

[Recebido em: fevereiro 2012 e
aceito em: setembro 2012]

¹⁵ BECKER, Howard. *Segredos e truques de pesquisa*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

¹⁶ PLATÃO. *Apologia de Sócrates*. Primeiro discurso, 21 d.

¹⁷ ARISTÓTELES. *Metafísica*, Livro XII.